

NELLE LAMARR

A

CONVIDADA

PERFEITA

Tradução
MARIA FERRO

 Planeta

Para a minha família.

Prólogo

A minha intenção não era que morressem.
Foram acidentes.
Pelo menos, foi o que eu disse à polícia.
E foi o que eu disse de mim para mim.
Mas não acreditem em nada.
Encontro-me numa teia de segredos e mentiras.
E não consigo continuar a viver assim.
Isto tem de acabar.
Hoje, vou finalmente confessar-me.
Vou confessar tudo.
Até.
Ao último.
Pecado.
E, depois, vou ajoelhar-me e implorar que me perdoem.

Paige

– Ali está ela! – A minha mãe apontou para uma rapariga escultural com um boné de basebol cor-de-rosa que se encontrava à entrada das chegadas no terminal internacional do aeroporto de Los Angeles. Elegantemente vestida de branco – calças *capri* de linho, uma *sweat-shirt* vários tamanhos acima do dela e *mules* de marca –, saiu do carro, levando consigo um grande cartaz com muitos corações vermelhos feito por ela que dizia: *Bem-vinda a LA, Tanya!* Era tão foleiro que me dava vômitos.

Segurando-o bem alto com as duas mãos, a minha mãe gritou o nome de Tanya a plenos pulmões para lhe chamar a atenção enquanto o meu pai desligava o carro para a seguir. Letárgica, abri a porta do passageiro de trás e juntei-me aos meus pais no passeio. O aeroporto estava apinhado de veículos e viajantes, mas tínhamos conseguido um lugar de estacionamento perto do terminal. Para mim, era-me indiferente. Bem podia estar a dois quilómetros de distância. Ou melhor, a vinte. Não estava nada ansiosa por conhecer a nossa aluna de intercâmbio.

O meu olhar manteve-se cravado na rapariga quando ela nos viu. Com um aceno e um sorriso radiante, abriu caminho por entre a multidão até ao nosso carro, do qual não nos podíamos afastar. Na fotografia que a minha mãe me tinha mostrado, o cabelo dela era mais curto, de um louro mais escuro e com madeixas, e ela estava um pouco mais cheia. Mas esta rapariga era magra que nem um palito, tinha o cabelo

comprido, louro platinado, e estava vestida de forma elegante com calças de ganga justas, uma camisola com capuz e ténis brancos reluzentes. Apesar de vir carregada com uma mochila e um trólei enorme, caminhava como uma supermodelo, com passadas longas e saltitantes. À distância, achei-a parecida com a minha irmã Anabel, mas mais alta, mais magra e mais loura. Embora eu achasse todas as louras parecidas, especialmente aqui, no sul da Califórnia. Era um bocado assustador.

Talvez, inconscientemente, a minha mãe estivesse à procura de alguém para a substituir quando escolheu receber esta aluna de intercâmbio. O trauma, dizia o nosso psicólogo da família, pode ter efeitos estranhos e duradouros nas pessoas. Nós, já agora, éramos a minha mãe, o meu pai, o meu irmão mais novo, Will, que estava numa conferência interestadual de robótica a que não podia faltar e eu. Will, com doze anos, era um cromo. Era o Esquadrão Cromo lá de casa composto por apenas um elemento.

Eu também tinha coisas urgentes para fazer, como ir ver a minha melhor amiga, Jordan, que ia para Berkeley no dia seguinte, e ir ter com o meu namorado, Lance, que tinha passado o verão todo fora, mas a minha mãe insistira para que eu viesse ao aeroporto. Ela estava muito entusiasmada por eu ir conhecer a nossa aluna de intercâmbio. Ela não tinha mesmo noção. Eu não tinha qualquer interesse noutro membro da família, nem mesmo um membro temporário.

Quinze meses mais velha do que eu, a minha irmã Anabel tinha morrido havia mais de dois anos e eu já me habituara a ser a única filha. Eu e a minha irmã nunca fomos muito chegadas. Ela era a preferida da minha mãe e eu não lhe chegava aos calcanhares. Nem sequer ficava num segundo lugar muito próximo. «Esta é a minha filha, a Anabel», costumava dizer a minha mãe. «E esta é a minha *outra* filha, a Paige.» Eu sempre fora a *outra* filha, e continuava a ser.

Pelo menos para o meu irmão, sempre fui a número um. Adorava Will e nunca o queria perder. Se algo de terrível lhe acontecesse, passar-me-ia completamente.

Passando por entre o bando de pessoas com ar cansado que regressavam a Los Angeles ou que visitavam a nossa Cidade dos Anjos, que

eu achava uma alcunha ridícula para este local infestado de crime, Tanya acelerou o passo, com o trólei ao seu lado. Era um daqueles elegantes, com o exterior rígido. *Bordeaux* e reluzente.

Tanya encontrava-se finalmente a uma curta distância de nós. Pousando o cartaz aos seus pés, a minha exuberante mãe recebeu-a de braços abertos. Largando a pega da mala, a nossa convidada atirou-se diretamente a ela. Abraçaram-se com força como se fossem duas amigas íntimas que não se viam há anos. Por fim, ela libertou-se.

– Estou muito contente por aqui estar, senhora Merritt.

– Estavas à espera há muito tempo? Peço desculpa pelo nosso atraso.

– Não há problema nenhum. A culpa não foi vossa. O nosso avião chegou meia hora mais cedo, e eu passei sem problemas pela alfândega. Exibi um grande sorriso e disse um alegre «olá» e o senhor deixou-me logo passar.

Ela tinha um sotaque britânico encantador, muito parecido com o de Emma Watson, e um sorriso deslumbrante como o de uma estrela de cinema. De bochecha a bochecha, com um conjunto de dentes perfeitos e brancos como pérolas. Bem, a não ser um espacinho entre os dois da frente.

O sorriso chegava-lhe aos olhos. Como estava à espera de que fossem azul-esverdeados como os da minha irmã, fiquei surpreendida ao descobrir que eram tão castanhos como os do meu pai. Em conjunto com as suas espessas sobrancelhas pretas como breu, que também se assemelhavam às dele, deixaram-me a pensar se ela seria uma loura natural. Fosse como fosse, com aquele corpo esbelto e aquela aparência exótica, ela era, numa palavra: linda.

– Como foi o teu voo, querida? – perguntou a minha mãe, com os olhos ainda cravados nela. – E, por favor, chama-me Natalie.

Pelo menos, ela não disse «mãe». Ou Nat, que estava reservado para o meu pai, que ainda não tinha falado.

– Foi bom, mas muito longo, senhora Merritt. – Percebeu o que disse e riu-se. – Quero dizer, Natalie. E, já agora, é *tão* bonita! Ainda mais bonita em pessoa!

Que raio de lambe-botas.

– Oh, por favor. Estás a ser demasiado simpática! – A minha mãe, loura e de olhos azuis, que veste um trinta e seis, antiga modelo, corou. Foi como se, naquele segundo, ela e Tanya tivessem ficado unidas para sempre.

Obriguei-me a dizer olá, tentando dissipar a atenção que a minha mãe lhe estava a dedicar.

A nossa aluna de intercâmbio olhou para mim e sorriu.

– Deves ser a Paige. A tua mãe falou-me muito de ti.

Arrepiei-me toda por dentro. *O que é que ela disse? Ela prefere comprar roupa num mercado de rua a peças de marca e usa Birkenstocks com meias. Come coisas esquisitas e devia perder cinco quilos. Ah, e acho que ainda é virgem.*

– Que bom. – Consegui exibir um sorriso educado. Bem, foi mais um sorriso amarelo.

Tenho a certeza de que a minha mãe lhe enviou fotografias minhas, mas ela não me disse a mim que *eu* era muito mais bonita em pessoa. Provavelmente porque não era. Não tinha herdado nem um bocadinho da beleza esbelta da minha mãe. Bem, a não ser os seus grandes olhos azul-safira. Com o meu cabelo ruivo-acastanhado, maxilar quadrado e ossos grandes, parecia-me muito com o meu pai. Embora ele fosse incrivelmente bonito, os seus traços clássicos não se traduziram bem em mim. *Perdida na tradução.* Algumas raparigas têm sorte e nascem bonitas. Senti uma pontada de inveja quando a voz alegre de Tanya me interrompeu os pensamentos.

– Mal posso esperar para sair contigo. Talvez possamos ir às compras juntas.

A última frase foi mais uma afirmação do que uma pergunta.

Poupando-me a responder, a minha mãe apresentou o meu pai, Matt. Pois... apresento-vos os meus pais: Matt e Nat. Já pensei muitas vezes que eles deviam abrir uma charcutaria – Matt 'n Nat's. Também podia ser uma lavandaria.

O meu pai, um empresário bem-sucedido, estendeu uma das suas mãos largas e de dedos compridos. (Bem, pelo menos herdei esse traço, juntamente com a sua capacidade atlética, que ajudou a fazer

de mim uma estrela da equipa feminina de basquetebol da minha escola.) A menina Lambe-Botas aceitou-a graciosamente e ofereceu outro sorriso melífluo.

– Muito prazer em conhecê-lo, senhor Merritt.

– Bem-vinda a Los Angeles, Tanya. – Ele manteve o olhar cravado nela mais tempo do que o necessário. Tenho a certeza de que estava a reparar na vaga semelhança entre ela e Anabel. Bem como no tamanho das mamas dela. Era impossível não reparar nelas.

– Estamos ansiosos para que passes o teu último ano letivo connosco.

Fala por ti, pai. Tanya não foi uma ideia minha. As coisas estavam a voltar ao normal (o que quer que isso fosse) e agora havia um novo elemento a contrabalançar a equação da nossa família. Uma variável desconhecida.

Tanya agradeceu ao meu pai e acrescentou:

– É a primeira vez que estou em Los Angeles.

Sendo filha de um diplomata, devia ter viajado muito. No entanto, estranhamente, a mala dela não tinha uma única mocha. Nem sequer um arranhão. Talvez fosse nova e tivesse sido embalada em plástico em Heathrow, embora eu não visse nenhuma etiqueta de bagagem. Talvez ela as tivesse arrancado, algo que eu fazia sempre.

Não interessa. O meu pai respondeu:

– Tenho a certeza de que tanto a minha mulher como a Paige vão adorar mostrar-te a cidade.

– Mal posso esperar para ir à Urban Outfitters!

Mentalmente, revirei os olhos. Dada a riqueza de atrações que Los Angeles tinha para oferecer, desde museus mundialmente famosos a memorabilia de Hollywood, já para não falar da Disneylândia aqui tão próxima e da deslumbrante linha costeira, uma loja na qual se pode comprar *online* e que provavelmente se encontra em Londres não estaria no topo da minha lista de prioridades. Os interesses dela eram obviamente diferentes dos meus.

O meu pai esticou o pescoço para ver o nosso carro. Ainda estava estacionado onde o tínhamos deixado, mas, não muito atrás dele, encontrava-se um carro-patrolha da polícia do aeroporto.

– É melhor irmos andando antes que eu seja multado. A polícia do aeroporto é muito rigorosa quanto ao tempo que se pode ficar estacionado junto ao passeio.

Ele ofereceu-se para carregar a mala de Tanya, mas ela disse-lhe que conseguia levá-la sozinha. Juntos, apressámo-nos a regressar ao carro e chegámos lá mesmo antes de sermos multados. Observei o meu pai a empurrar a pega da mala para baixo e a colocá-la na bagageira do seu *BMW 750i* preto metalizado.

Fiquei surpreendida com a facilidade com que ele pegou no grande trólei vermelho. O meu pai, com quase um metro e noventa, corria, nadava e levantava pesos regularmente, mas foi quase como se a mala não pesasse nada. Depois, ajudou Tanya a tirar a mochila e gemeu como se tivesse distendido um músculo.

– Caramba! O que é que este saco tem? Pesa uma tonelada.

– Oh, só o meu portátil, alguma maquilhagem e as minhas coisas pessoais.

Com essas palavras e um sorriso, ela seguiu-me e entrou no carro. Quando o meu pai pôs o carro em marcha, interroguei-me porque é que eu teria um mau pressentimento em relação a esta rapariga.

Natalie

– Oh, meu Deus! A vossa casa é *tão* bonita. Parece mesmo uma daquelas mansões que se veem nas revistas de decoração chiques.

Sorri ao ouvir as palavras efusivas de Tanya quando entrámos no caminho de acesso à casa. Era *mesmo* uma casa linda. Uma casa em estilo italiano com quase 560 metros quadrados que datava de 1926 e estava localizada numa das melhores ruas de Hancock Park. Embora não fosse uma daquelas McMansões de Beverly Hills de que a elite de Hollywood e os «novos ricos» tanto gostam, era a casa de cinco quartos dos meus sonhos, com o seu pé-direito muito alto, a sua entrada imponente e a sua escadaria de mármore. Muitos dos acabamentos interiores da casa eram os originais e eu mobilara-a meticulosamente com achados *art déco*, algumas reproduções, mas tudo fiel à época. Depois de ter recuperado do meu esgotamento, pinteí o exterior com uma nova camada de tinta num tom rosa-velho e enfeitei o extenso jardim da frente com fileiras de rosas inglesas para que parecesse mais majestoso do que nunca. O nosso minipalácio de Los Angeles.

Quando Matt estacionou o carro, olhei pelo espelho retrovisor para a nossa aluna de intercâmbio. Agora com o boné de basebol com a pala virada para trás, conseguia ver melhor o seu rosto. Os seus olhos escuros com pestanas compridas, os lábios carnudos e ligeiramente afastados, as maçãs do rosto altas e o queixo forte com covinhas. A sua expressão de olhos muito abertos lembrou-me Anabel, cuja alegria

por viver fora um contraste tão marcado com a sua morte violenta. Com um piscar de olhos, empurrei a horrível memória para os confins da minha mente.

A bela e espirituosa Tanya traria a tão necessária nova vida a esta casa. Eu tinha a certeza disso.

Em unísono, desapertámos os cintos de segurança. Bem, exceto Paige, que estava sentada de pernas cruzadas, a ler um livro grosso sobre escultores renascentistas. Enquanto eu e Tanya tínhamos vindo a conversar animadamente durante a viagem sobre todas as coisas que há para ver e fazer em Los Angeles, bem como os melhores lugares para fazer compras, Paige mantivera o nariz enfiado no livro durante toda a viagem. Ela sempre fora reservada, mas tornara-se ainda mais desde a morte da irmã, algo de que nunca falava. Pelo menos, comigo. Embora, sejamos sinceras, talvez eu nunca lhe tivesse dado a oportunidade para o fazer quando ela mais precisava.

Estiquei o pescoço e olhei para a minha filha.

– Paige, chegámos a casa. Guarda lá o livro e tira o cinto de segurança.

Sem sequer olhar para mim, disse-me que queria acabar o livro e ir com o pai buscar Will.

– Tudo bem. – Comprimi os lábios, não querendo fazer uma cena à frente de Tanya, especialmente no seu primeiro dia connosco. Além disso, ficaria com algum tempo para conhecer melhor a nossa nova hóspede.

Matt saiu do carro primeiro e, comigo e Tanya atrás dele, levou as duas malas para a porta da frente. Os meus olhos mantiveram-se cravados no físico elegante do meu marido. Mesmo de costas para mim, tinha uma bela figura, envergando calças de ganga de marca e uma camisa cintada. Alto, atlético, com ombros largos, tronco afilado e pernas compridas e musculadas, o seu corpo era o seu templo e ele praticava exercício físico religiosamente. Em termos de rosto, era bonito como uma estrela de cinema, com feições fortes e cinzeladas, sobran-celhas espessas e invejáveis e cabelo castanho-avermelhado ondulado que começava a ficar grisalho, o que só aumentava o seu encanto.

E ele era rico. Não era um bilionário, mas era suficientemente rico para comprar uma casa de cinco milhões de dólares, para pagar os carros de luxo que quisesse, bem como roupas de marca e viagens em primeira classe. Meteu todos os nossos filhos em colégios privados da elite e proporcionou-me o estilo de vida de uma dona de casa de Beverly Hills – um regime diário de *soul cycle* ou pilates, compras na Rodeo, almoço com uma amiga, um retoque aqui e ali e qualquer atividade filantrópica que calhasse nesse dia em particular. As minhas amigas brincavam comigo, dizendo que dariam tudo para estar casadas com um homem como Matt. O marido perfeito.

Nem por isso. Nem eu era a esposa perfeita. Se ele soubesse os meus segredos, de certeza que o perderia.

Porém, em vez disso, perdi Anabel.

Afastei esses pensamentos sombrios quando entrámos em casa.

– É tão bonita por dentro como por fora. Adoro-a! Sinto que podia viver aqui para sempre! – guinchou Tanya.

Era exatamente o que eu sentia, pensei, enquanto Matt regressava ao sedã preto e fazia marcha-atrás para a estrada. Ao fechar a porta da rua, vi Paige sentada no banco de trás, com o nariz ainda enterrado no livro. Não estabeleceu contacto visual comigo nem uma vez que fosse.

Às vezes, pensava que ela me odiava.

Mas não tanto quanto, por vezes, eu me odiava a mim própria.

Um latido alto seguido do deslizar de garras pelo soalho envernizado pôs fim a esse pensamento.

Um enorme animal peludo vinha a correr na nossa direção. Ele foi direito a Tanya, pôs-se de pé nas patas traseiras e pôs-lhe as patas da frente em cima, a latir que nem um louco e quase a deitá-la ao chão.

Esforçando-se por manter o equilíbrio, Tanya gritou, com os olhos arregalados de pânico.

Embora eu soubesse que o ladrar dele era inócuo, era apenas a sua forma excitada de saudar qualquer visitante, também me estaria a passar se fosse ela. O nosso grande cão castanho parecia ameaçador.

O pânico de Tanya cresceu, e o seu rosto empalideceu.

– Tire-mo de cima! Eu tenho medo de cães.

- Não te preocupes. Ele é muito querido!
- Por favor! – Uma súplica desesperada e trémula.

Agarrei imediatamente na sua coleira de cabedal vermelho e tentei puxá-lo. Com mais de quarenta e cinco quilos e chegando aos ombros de Tanya, ele era uma força considerável, mesmo com nove anos de idade.

- *Bear*, sai! – ordenei. – Lindo menino!
- Obrigada... – gaguejou Tanya, claramente ainda abalada.

Senti-me muito mal. Os primeiros minutos da nossa aluna de intercâmbio dentro de casa e tinha logo de acontecer isto. Eu tinha pedido aos miúdos para o porem no jardim, mas talvez não o tivessem feito. Ou talvez a nossa empregada de longa data, Blanca, o tivesse deixado entrar. Ela tinha um fraquinho pelo nosso adorável cão e já o tinha feito antes.

Curvada, agarrando-lhe a coleira, pedi desculpa e apresentei o *Bear* a Tanya.

– Por favor, não te preocupes, querida. Ele é mesmo inofensivo. É mais como um grande e doce ursinho de peluche.

Os miúdos, à exceção de Anabel – que não queria ter nada a ver com passear um cão ou limpar a porcaria que ele fazia –, tinham implorado por um cão. Matt também não tinha gostado muito da ideia, mas, após uma série de assaltos no nosso bairro, mudara de ideias e dissera que podíamos ter um, desde que fosse um cão de guarda. Então, tínhamos ido ao canil e encontrado o maior cão que lá havia. Na verdade, também era o mais giro. Bastara olharmos para ele, com aqueles grandes olhos castanhos de quem diz «Leva-me para casa», e viera de imediato connosco. Will, então com quatro anos, encantado, dera-lhe o nome. «Mamã, ele parece um grande urso.» E daí o seu nome... *Bear*. Nunca esquecerei o meu filhote a abraçar o nosso cão, o *Bear* sentado a dar-lhe beijos molhados e babados por toda cara.

Matt deixara passar, não querendo perturbar o nosso filho. Mais tarde nesse dia, para meu horror, ele comprara uma pistola. Uma verdadeira proteção. Guardara-a no nosso cofre. Carregada, pois claro. Eu esperava que nunca tivéssemos de a usar.

Tanya, ainda com um ar assustado, não acreditou em mim.

- Natalie, pode afastá-lo de mim, por favor?

– Claro que sim. Vou pô-lo lá fora. – Felizmente, o nosso cão gostava de brincar no grande jardim e estava bom tempo. Ele também tinha uma casota onde se podia enfiar.

Quando regresssei, Tanya tinha desaparecido.

Presumi que tivesse ido à cozinha, talvez para fazer um chá.

Nada disso. Encontrei-a na sala de estar, a servir-se de uma garrafa cara de *cabernet* do nosso bar.

– Querida, o que estás a fazer? – perguntei enquanto ela vertia generosamente o líquido vermelho-sangue num cálice de cristal, enchendo-o até à borda.

– Espero que não se importe. Precisava de relaxar depois do *Bear*. – Levou o copo de vinho aos lábios e bebeu um gole generoso. – Posso servir-lhe um pouco também?

Contive a vontade de a repreender. *E* a vontade de dizer que sim.

– O teu pai deixa-te beber? – *E tão cedo, a meio do dia?* Ainda nem sequer eram três da tarde.

Outro gole.

– No Reino Unido, é permitido beber na companhia de um dos progenitores quando se tem dezassete anos.

– Hum. Não sabia disso.

Um arrepio de culpa percorreu-me. Às vezes, costumava partilhar um pouco de vinho com Anabel. Olhando em retrospectiva, gostava de não o ter feito. Talvez ela ainda estivesse aqui connosco.

– Tanya, mesmo assim, gostava que pousasses o copo e guardasses a garrafa. – Franzindo ligeiramente o sobrolho, ela obedeceu. – Agora, deixa-me mostrar-te o teu quarto.

O rosto da Tanya iluminou-se.

– Mal posso esperar para o ver!

Fiquei com um nó no estômago. Agora, desejava ter bebido aquele vinho. Não entrava *naquele* quarto há mais de dois anos. Bem, pelo menos durante o dia. Inspirei fundo para me preparar e conduzi a nossa aluna de intercâmbio pelos sinuosos degraus de mármore até ao piso superior.

– Tem cuidado. – Ouvi o tremor na minha voz quando olhei por cima do ombro para ver como ela estava. A minha nova pupila trazia

a mochila pesada e tinha insistido em carregar a sua grande mala. Pela forma como subia as escadas curvas sem esforço, parecia estar em boa forma, mas eu continuava ansiosa. – Segura-te ao corrimão. Não quero que caias no teu primeiro dia aqui. – Quando pensei nisso, um arrepio frio percorreu o meu corpo.

– Não se preocupe, senhora Merritt. Ups! Quero dizer Natalie. Eu consigo.

Para meu alívio, ela agarrou o intrincado corrimão de ferro, também original da casa, com a mão livre. Soltei um suspiro quando ambas alcançámos o patamar.

Os olhos de Tanya moveram-se da esquerda para a direita.

– Para que lado fica o meu quarto?

– Para a direita.

Segui-a enquanto ela arrastava a mala pelo comprido corredor. A mala deslizava suavemente no chão de carvalho escuro envernizado. Não pude deixar de reparar na graciosidade com que a jovem esbelta e de pernas compridas se movia. Como uma gazela.

– Diga-me quando for para parar – disse ela.

Passámos pelo quarto de Will, pela casa de banho dele, pelo quarto de Paige e por outra casa de banho. Quando chegámos à última porta ao fundo do corredor, declarei:

– Para!

Pus-me à frente dela e rodei a maçaneta de latão. Abri a porta e fui atingida por uma explosão de rosa-choque e luz solar. Senti-me zozna. Um pouco nauseada.

– Está bem? – perguntou Tanya, sentindo a minha aflição.

– S... sim. Só estou um pouco cansada de subir as escadas – menti. Graças ao pilates e ao *soul cycle*, estava na melhor forma da minha vida.

Recuperando o fôlego, deixei Tanya entrar primeiro.

Com os olhos arregalados, ela ofegou:

– Oh, meu Deus, *adoro!* Parece o quarto de uma princesa.

De facto, era verdade. Não tinha mudado nada desde a última vez que eu lá estivera. Tinha dado instruções a Blanca para manter o quarto exatamente como quando Anabel era viva. Os meus olhos

percorreram-no, observando a cama de dossel com todos os seus preciosos animais de peluche, a mobília branca a condizer, os pósteres de Justin Bieber, os troféus da claque e todas as fotografias emolduradas que relatavam a sua curta vida. Não havia nada fora de sítio. Era como se Anabel pudesse entrar a qualquer momento.

Largando as malas no tapete cor-de-rosa, Tanya dirigiu-se diretamente para a cama e esparramou-se no edredão como uma estrela-do-mar. Contemplou o dossel e soltou um suspiro demorado e satisfeito.

– Podia dormir nesta cama para sempre. É tão boa!

Aconchegou aleatoriamente um dos animais de peluche de Anabel contra o peito. Por breves instantes, a minha mente pregou-me uma partida. Estava a ver Anabel em vez de Tanya. Pestanejei para afastar a miragem quando ouvi a sua voz com sotaque.

– Não acredito que decorou este quarto especialmente para mim. Com tudo o que eu poderia desejar.

Fiquei com o coração apertado e mordi o lábio inferior.

– Na verdade, era da minha outra filha. – Uma pausa dolorosa.
– A Anabel.

A nossa nova hóspede sentou-se, com as suas pernas compridas a balouçar na beira da cama. Agarrada ao animal de peluche, um adorável coala, olhou para mim, surpreendida.

– Não sabia que tinha outra filha.

– *Tive* – corriji, com as lágrimas a virem-me aos olhos. – Ela morreu há dois anos.

– Oh, lamento imenso!

– Eu devia ter-te dito...

– Que idade é que ela tinha?

– Dezasseis. – *Os doces dezasseis.*

Tanya levou uma mão à boca.

– Oh, meu Deus! Era tão jovem. Posso perguntar como é que ela morreu?

O meu coração pareceu falhar uma batida.

– Prefiro não falar sobre isso.

– Eu compreendo. Ainda deve ser muito difícil para si.

Apreciando a sensibilidade dela, afastei a memória horrível e voltei a concentrar-me na nossa nova residente.

– Querida, quero que te sintas em casa aqui.

Atirando o coala para cima do edredão, Tanya saltou da cama e examinou o quarto.

– Posso mudar um bocadinho as coisas? Tipo, acrescentar algumas coisas minhas?

Olhando em retrospectiva, devia ter guardado as coisas pessoais de Anabel. As fotografias e os pósteres, bem como os seus preciosos animais de peluche. Estes últimos guardavam memórias agridoces para mim: todos os anos, dava-lhe um no seu aniversário. Tristemente, o coala fora o último.

– Sim – respondi –, desde que não mudes os móveis de sítio. Podes pôr alguma da tua roupa na cómoda dela, as gavetas estão vazias. E o resto no armário dela. Espero que não te importes que muitas das roupas dela ainda estejam lá guardadas, mas deve haver espaço para as tuas.

– Não se preocupe. Eu não trouxe muita coisa. Há problema se eu usar algumas roupas emprestadas?

Hesitei, mas depois acedi. Não queria que a nossa aluna de intercâmbio pensasse que eu era uma maluca obcecada. *Na verdade, era.*

– Deves ter o mesmo tamanho. Toma bem conta delas.

– Claro. – Ela tirou o boné de basebol e passou os dedos esguios pelos seus compridos cabelos platinados. – Natalie, talvez me possa levar às compras mais para o fim da semana. Estou mesmo a precisar de um guarda-roupa para Los Angeles.

Eu sorri.

– Gostava muito de fazer isso. Porque não amanhã depois das aulas?

– Fixe! Obrigada. Oh, e, Natalie, mais uma coisa... preciso mesmo de ir ao lavabo. – Riu-se. – Quero dizer, *casa de banho*¹. Pode dizer-me onde fica?

¹ No original, as duas palavras são «loo» e «bathroom». A primeira é usada em inglês britânico e a segunda em inglês americano. (N. da T.)

Aponte para outra porta.

– É mesmo por ali. Dá para o quarto da Paige.

Ela franziu o rosto, unindo as sobrancelhas negras.

– O quê! A sério? Tenho de partilhar com *ela*?

O tom da sua voz foi ligeiramente desarmante, mas talvez ela estivesse apenas cansada e precisasse de ser tranquilizada.

– Sim, querida. Mas não te preocupes. O lavatório é duplo. E a Paige é muito asseada. Tenho a certeza de que vocês vão arranjar uma forma de fazer isto funcionar.

– Suponho que sim. – O rosto dela descontraiu-se, mas sem um sorriso.

Anabel nunca tinha gostado de partilhar a casa de banho com Paige. Na maior parte das vezes, ela monopolizava-a. Esperava que as coisas fossem diferentes com Tanya.

– Porque não te deixo instalares-te? Toma um duche e dorme uma sesta se precisares, mas, por favor, junta-te a nós na sala de jantar para jantarmos às seis e meia.

– Perfeito! – O sorriso voltou. – Mal posso esperar.

Ela aproximou-se de mim e deu-me um abraço.

– Mais uma vez, obrigada, Natalie, por me dar esta oportunidade incrível. Eu quero ser... – Parou a meio da frase. – Como uma parte da sua família enquanto aqui estiver. A convidada perfeita.

As suas palavras tocaram-me, e o calor dos seus braços à minha volta foi reconfortante. Senti uma pontada de otimismo. Seria bom para mim ter outra adolescente em casa.

Quando me apertou mais, o meu peito também se apertou e senti-me a tremer.

Iria o fantasma de Anabel voltar para me assombrar?

Paige

Durante a viagem de carro para ir buscar o meu irmão, decidi que iria dar uma oportunidade a Tanya. Ela parecia ser superficial, mas simpática. Não era convencida como a minha irmã. Nem tão vaidosa. O mínimo que eu podia fazer era tentar... mas *isto*?

– O que estás a fazer no meu quarto? – perguntei, obrigando a minha voz a ser o mais correta possível.

– Oh, olá! – disse ela, sem olhar para mim.

A nossa nova aluna de intercâmbio estava enroscada na minha cama, a pintar as unhas dos pés. Está bem, eu percebia que teria de partilhar a casa de banho com ela, mas isto não era aceitável. Especialmente sem me consultar. Tentei manter a calma, mas não foi fácil.

Ela tinha o seu próprio quarto – o da minha irmã – do outro lado da casa de banho. Chamava-se uma *suite Jack e Jill*, uma das chamadas «características encantadoras» que tinham convencido a minha mãe a comprar esta casa. Ela pensou que isso ajudaria a criar laços entre mim e a minha irmã. Quando nos mudámos para cá, Anabel tinha treze anos, já era alta e magra, com uma tez branca e as faces rosadas; eu tinha doze, não perdera a gordurinha de bebé, tinha aparelho nos dentes e borbulhas. As nossas hormonas estavam ao rubro, eu odiava-a e ela odiava-me a mim. A minha mãe estava enganada. Tão enganada...

A última coisa que eu queria era partilhar uma casa de banho com a minha irmã, que passava mais tempo em frente ao espelho do que